



ESTATUA DE MOZART.

A ESTATUA erecta em honra do insigne compositor de musica, Mozart, fundida em bronze em Munich pelo inspector do real laboratorio, Stieglmayer, segundo o modelo do professor Schwanthaler, foi inaugu-

rada em Saltzburgo a 5 de setembro de 1842. Mozart, de constituição debil, tinha morrido prematuramente em 1791, contando apenas trinta e seis annos; a homenagem ao talento do grande mestre foi

VOL. I. — ABRIL 10, 1847.

tardia, contudo não o foi tanto como a que a França em nossos tempos tributou á memoria de muitos de seus filhos illustres, por exemplo, Corneille, Molière. — A viuva do famoso compositor ambicionava viver até o dia da inauguração; mas seus votos não os ouviu o céu, tinha fallecido poucos mezes antes, a 6 de março de 1842. O filho de Mozart assistiu vestido de lucto áquelle acto pomposo, que deixou permanentes lembranças entre os habitantes de Saltzburgo. Grande numero de nobres estrangeiros, admiradores do genio de Mozart, e muitos artistas celebres affluiram de varias partes da Europa. Os conservatorios e academias de musica de Napoles, Roma, Florença, Milão, Veneza, Vienna, Praga, Berlim, Munich, Hamburgo, Varsovia, S. Petersburgo, Stockolmo e Copenhague estavam representados n'aquelle concurso por alguns professores de seus gremios. Esperava-se uma deputação de Paris; e os enviados do conservatorio francez, que interpreta Mozart com tão rara perfeição, seriam acolhidos com entusiasmo, porém não compareceram. A festa de 5 de setembro ajunctou mais de cinquenta mil pessoas. Quando ao meio-dia caíram os pannos que velavam a estatua, as symphonias de seiscentos musicos se misturaram com as salvas de artilheria e com repiques dos campanarios. Á noite dois mil artistas e curiosos tocaram, ao pé do monumento, illuminado por fogos de Bengala, um hymno escripto expressamente pelo conde Ladisláu de Sirker, arcebispo d'Erlau, e posto em musica pelo cavalheiro Neukomm. No dia immediato, pelo meio dia, dois mil e oitocentos curiosos executaram o *Requiem* de Mozart.

A estatua está no meio de um mercado; esta escolha de collocação tem sido censurada: alguns criticos queriam que os monumentos commemorativos do genio estivessem sempre cercados de silencio e remotos do espectaculo do quotidiano movimento do vulgo. Outros, ao contrario, preferem vê-los no meio do sussurro e laboração das cidades populosas, afim de que mantenham as recordações gloriosas, o culto do talento, e uma constante emulação.

A pag. 294 do 2.^o volume d'este Jornal demos a historia dos ultimos dias de Mozart, e do famoso *Requiem*, sua derradeira composição; poremos aqui algumas circumstancias relativas á sua infancia. — Mozart (lê-se na *Biographie Universelle*) não tinha ainda oito annos quando, em 1763, appareceu na côrte de Versailles. Este genio precoce foi ouvido em Paris em dois concertos publicos. O seu retrato foi gravado por um desenho de Carmontelle, a que os *amadores* deram prompta extracção, de fórma que em poucos dias se venderam os exemplares, encontrando-se hoje alguns sómente em collecções particulares. O barão de Grimm, correspondente de todo o grande rancho dos encyclopedistas, annunciava pelo modo seguinte, no 1.^o de dezembro de 1763, a chegada do tenro Mozart a Paris e os seus triumphos. — «Um mestre de capella de Saltzburgo, por nome Mozart, acaba de chegar aqui com duas creanças as mais esbeltas do mundo. A filha, de idade de onze annos, toca cravo mui esplendidamente, executa as maiores peças e as mais difficeis com uma precisão que assombra: seu irmão, que completará sete annos em fevereiro proximo, é um phenomeno tão extraordinario, que custa aos olhos acreditar em no que entra pelos ouvidos. Não é nada o executar esta creança com todo o rigor os passos mais difficeis com mãos que apenas alcançam a sexta; o que parece incrível é vê-lo tocar de cór por uma hora a fio, e abandonar-se á inspiração do seu genio e n'uma infinidade de idéas extasiadoras, que elle sabe fazer seguir uma á outra com bom gosto e sem confusão. Tem tamanha pra-

ctica do teclado que, tapado este com uma toalha, toca com a mesma presteza e rigor. Escrevi-lhe, por minha propria mão, um minuete, e pedi-lhe me pozesse por baixo o acompanhamento ao minuete. Esta creança me fará virar o juizo se o ouvir muitas vezes; conheço que é impossível fugir a uma certa insanía quando se presenciam semelhantes prodigios.»

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

(Romance Historico.)

I.

Rei morto, rei posto.

She was born to be fair; I to die for
her love.

SHAKESPEARE — *Othello*.

NA sala d'armas dos paços de Coimbra havia já dois dias que se junctava desacostumado concurso de senhores e cavalleiros, d'homens de religião e d'officiaes palatinos. O mez de março do anno de 1211 estava a expirar por cinco dias. Nos pateos e officinas do castello não se teciam cotas nem se poliam arnezes. Os alfagemes e armeiros não temperavam espadas, azevas, ou achas d'armas. O silencio era apenas interrompido, a espaços, pelo tropel das roldas, descendo das torres e muralhas, ou pelo trote dos cavallos em que chegava á côrte mais um rico-homem.

Não se tractava de novas guerras. O estandarte de Sancho I não ia desenrolar-se mais uma vez ao bafio ardente das batalhas. Os seus cavalleiros, que aos tres e aos cinco se apartavam pelos vãos das altas frestas, ora olhando para os cabeços além da ponte, ora cravando a vista n'uma porta grossa de castanho chapado, não vinham á curia para resolver entradas na fronteira dos mouros, ou para tentar o cerco d'alguuma das fortalezas, d'onde a bandeira das luas desafiava a signa real. A lança dos combates encostada ás paredes da vasta quadra, repousava por bastante tempo. Outro era o motivo que alli os tinha reunido.

A porta de castanho da sala d'armas communicava para o recinto interior, aonde estavam os quartos do rei. Por ella desaparecera o esforçado monarcha do reino portuguez na primeira tarde de março, e sabiam já que por ella só havia de sair um cadaver, restos d'aquelle que, na paz do tumulo, ao lado d'Afonso Henriques ia descangar das luctas e pelejas d'um reinado trabalhoso.

Juncto da carcóva exterior (fosso) do alcacer, os homens d'armas e os homens de pé da mercê dos senhores e cavalleiros entretinham-se em grosseiros jogos, ou brutescas porfias. De vez em quando alaridos, risadas, e clamores de cholera rompiam do meio d'elles, soando até os aposentos do paço. Por um vago boato que andava no povo, dizia-se que D. Sancho esmorecia na angustia de molestia dolorosa; mas não se cuidára que a morte tivesse caminhado tão depressa como a tristeza sincera, ou hypocrita, lá dentro inculcava. Ainda para fóra não transpirára a noticia de que, em poucas horas talvez, Coimbra, pelos gemidos da sua cathedral, havia d'annunciar a orphandade ao reino. — Segundo o costume, o povo era o ultimo a saber-o.

Dous cavalleiros, um que partia, outro que chegava ao palacio, cruzaram-se diante da ponte levadiça. Por fortuna nunca entre elles se interpozera o odio encanecido de uma rixa de familia.

— «Boas tardes» disseram a um tempo, e por movimento simultaneo colheram as redeas aos cavallos.

— «O infante?» perguntou o que saía.

— «Elrei?» interrogava o de fóra.

— «O infante sobe agora aquelle cabeça. Tres credos mais, e ahí chega com os poucos que aturaram a carreira do seu bom andaluz. E elrei?... Ha esperanças, D. Martim Annes?»

— «Nenhuma. Vi-o, faz quinze dias hoje, e logo disse comigo: Não é este que torna a ser homem! — D. Sancho ouve já as enchadas do coveiro, D. Moço Ordonhes.»

— «Era um homem!»

— «Se era!»

— «E está só? muito desfallecido?»

— «Peior que só; os monges rezam-lhe á cabeceira. Que dôr d'alma, D. Moço! Cada terra que tiram á herança de seus filhos; cada punhado de maravendis que levam das arcas do thesouro, dizem-lhe que o lava d'um peccado mortal... e elrei, tão quebrado de corpo, tão fraco d'animo, a dar-lhes ainda mais do que elles pedem!... O infante que se apresse.»

— «Estes padres, ahí! estes padres... em nos caíndo a cabeça no travesseiro, fazem o que querem de nós... Mas, ahí vem o infante.»

Com effeito, á redea larga saía do lado da ponte do Mondego um tropel de cavalleiros, galgando encosta acima direito ao castello. O pendão do infante de Portugal esvoaçava nas mãos de Gomes Lourenço, seu collaço e alferes. A cavalgada parou defronte do alcacer. Seguiu-se uma pausa de alguns minutos, em que não se escutava mais do que o respirar cansado de homens e corseis. Com os ginetes á redea, os cavallariços, vestidos de saios alvacentos, torciam por entre os homens d'armas, atacados nas lorigas de couro escuro, e no perpassar evitavam as cotas bordadas dos pagens, que andavam de um para outro lado.

Decorridos instantes, do terreiro interior saíu um official palatino: atravessou vagarosamente o acanhado largo que se rasgava diante da porta, e foi curvar-se na presença do infante. Era Sueiro Raymundo, alferes do rei D. Sancho. Nos olhos róxos do guerreiro velho, filho da criação d'Affonso Henriques, borbulhavam lagrimas mal sustidas. Pagava assim ao amigo da infancia, e ao companheiro dos trabalhos, o tributo do soldado. Sem vergonha chorava alli diante de todas as primeiras lagrimas, talvez, de toda a sua vida.

Quasi que se sentiu orphão o infante ao encaral-o. Apertando a mão de Sueiro Raymundo, e tão baixo que mal se percebia, apenas poudo dizer:

— «Meu pai?!»

O alferes mór pôz a vista no chão; e por mais esforços que fez, a voz não se lhe soltava da garganta.

D. Affonso vendo-o, recuou, gemendo n'uma exclamação, que não ha inflexão capaz de exprimir:

— «Meu pai!»

Era o grito das entranhas, a verdadeira dôr da orphandade.

O alferes mór entendeu; e tomando-lhe o braço murmurou:

— «Ainda não.»

O principe não ouviu mais nada, e entrou precipitadamente, seguido dos seus cavalleiros.

Chegaram á sala d'armas. No mesmo instante se abria a porta de castanho chepeado, e um monge alto de corpo e grave d'aspecto, trazendo a cogula da ordem de Cister, adiantando-se para os que alli estavam, disse:

— «Muito reverendos bispos, reverendo mestre do Templo, e prior do Hospital, alli dentro um mori-

bundo deseja reconciliar-se com Deus e com a sua Igreja antes de o tomar o transe d'agonia.»

O monge era o abbade d'Alcobaça; e ao pronunciar as ultimas palavras, um sorriso d'orgulho lhe fugia pelos beiços grossos e vermelhos, sorriso que logo mudou de expressão apenas deu com os olhos no infante. O frade não se poudo conter do primeiro sobresalto, e deixou que os mais observadores conhecessem que não era extrema a sua alegria pela chegada repentina de D. Affonso. Uma sombra de descontentamento carregou furtiva no seraphico semblante, aonde floreciam as rosadas e sadias côres dos deleites mundanos, em vez de se estampar a maceração e o abatimento dos cilícios e jejuns.

Entretanto, pezar ou desgosto, soube reprimil-o com arte. Approximou-se de D. Affonso, a quem não tinha escapado a mudança de physionomia, e com ar de profunda magua accrescentou:

— «Bem vindo, illustre infante de Portugal! Deus conhece a ancia com que vosso pai pedia a Virgem, pelas dôres da Paixão, que o não levasse antes de vos abraçar...»

— «É por isso que só hontem me levaram aviso, muito sancto abbade?» respondeu o principe.

— «Senhor da Maia, atalhou o frade, como quem não ouvira a pergunta ironica, D. Sueiro Raymundo, ricos-homens do Douro e Minho, D. Sancho, pela ultima vez, se quer despedir dos seus cavalleiros.»

E acompanhado do infante, dos muito veneraveis padres em Christo, e dos ricos-homens, sumiu-se pelo corredor, em quanto detraz d'elles a porta chapeada se fechava, e os dois pagens voltavam a postar-se aos umbraes. D. Affonso deixou-os ir adiante, e ficou atraz alguns momentos.

O infante pediu a Deus animo e resignação. Aquelle golpe esperava-o ha muito, doia-lhe já havia mezes; porque a sepultura de D. Sancho não se tinha aberto de repente. Dois annos compridos levou a morte na viagem, trazendo-o pela mão até lhe metter os pés e lhe encostar a face ás paredes do tumulo, desde então escancarado para o tragar. Agora a campa erguida, pizando-lhe o peito, rangia descendo, e quasi que já lhe suffocava as desfallecidas pulsações do peito. Martyrio atroz e sem nome! A mortalha vestida no corpo do homem vivo para lhe queimar na raiz os desejos e as illusões; para sempre vêr o sepulchro. e ouvir de dentro d'elle a voz que o chama, mais de perto cada hora, sentindo passar por cima do coração o sopro regelado da morte, que lhe apaga n'alma a luz da esperança, em quanto o rosto foge da frieza da terra que o ha de comer! Um pé a escapar do mundo, aonde tudo o que fica é saudade, e o outro já e sem remedio a despenhar-se pela cova dentro!

Esta situação tão cruel de seu pai D. Affonso conhecia-a, e tremia d'ella. Mas enganava-se, ou cuidava enganar-se, suppondo todos os dias afastado ainda o momento da separação. Nos ultimos tempos, porém, a molestia correu, e as horas foram minutos. O amor costuma temperar assim o espirito, illudindo-o com a força de uma constancia, que vem a faltar só quando expira o amortecido lume da vida no que é o objecto d'elle. A esta crise natural das grandes dôres moraes deveu o infante os alentos que o arrastaram até o leito de D. Sancho.

Durou o combate interior até darem de dentro o aviso. Ao escutal-o todas as duvidas se desvaneceram. O abbade tomou-o pelo braço, atravessaram duas ou tres salas quasi escuras d'abobadas achatadas, metteram por um corredor mais sombrio ainda, e pararam diante do reposteiro d'arrax (acitara), que disfarçava a entrada dos aposentos reais. O monge bateu de leve, o reposteiro franziu-se d'alto abaixo, e transpo-

zeram os umbraes. Era alli, no interior da vasta quadra, com os muros nus das preciosas tapeçarias do oriente que os enfeitavam d'antes, que D. Sancho se preparava para a tremenda jornada da eternidade.

No recanto da camara, Juliano, o notario da curia, a uma mesa coberta de panno escuro escrevia em pergaminho as ultimas confidencias de elrei a seu filho. D. Sancho receou que a morte ainda corresse mais do que a saudade do moço infante, e no momento supremo dictára ao notario e ao bispo de Coimbra uma carta, aonde, entre palavras de pai e supplicas de homem, mais de uma vez se gravára o cunho da vontade robusta de vencedor de Silves.

Defronte do leito, em cima d'um altar, estava um devoto Crucifixo, trazido como reliquia da Palestina pelo conde Henrique. O sol poente, entrando pela estreita fresta do aposento ia banhar de raios luminosos a imagem que, despregada dos braços, parecia querer voar para o peccador arrependido. No lado opposto, perdida na confusão das roupas, estirava-se na parede a sombra do monarcha, desenhada vigorosamente no escuro do fundo. A figura de Juliano, com a face encostada ao punho, alvejando-lhe sobre a garnacha preta as madeixas brancas, e o vulto severo, e austero semblante do bispo de Coimbra, com a mão esquerda no espaldar da cadeira do official palatino e os dedos da direita passados na barba, destacavam na sua attitude melancolica do resto dos grupos que os rodeavam.

O capello brunido, a cota de malhas e o montante de D. Sancho pendiam dos muros. Despiendo as armas e as galas de rei, o monarcha guardou só um habito pobre para se amortalhar. As faces encovadas, os cabellos desgrenhados, e os olhos mortaes mostravam que o corpo, extenuado de fadigas, não existia já senão para padecer. Mas lá dentro velava ainda, até chegar a sua hora, a grande alma do guerreiro da idade media, resignada com a vontade de Deus, despegada das vaidades humanas, e apertando a sua cruz sobre o cilicio da penitencia. A morte, que no seculo actual assenta á cabeceira o horror da duvida e a ironia do remorso tardio, tinha n'aquelle as consolações da expiação. O afflicto reclinava se no regaço da fé, e a religião, adoçando-lhe na bocca a esponja do fel, com a vella da esperanza na mão allumiava-lhe o terrivel transe, aonde, depois do suor de sangue d'agonia, a carne morre, e o espirito se liberta purificado pela dôr.

Se fosse hoje, os que vissem o monarcha português na humildade de um habito, enriquecendo do leito de morte os mosteiros e as igrejas com a herança de seus filhos, haviam de exclamar: — «A molestia secou o braço, mas Roma matou o espirito, rei D. Sancho. Depois de largos annos de resistencia, tu, que defendeste a corôa das invasões do audaz Innocencio III, castigando com rigor selvagem a temeridade de um clero, que se dizia só feito para devotar a grossura da terra, decepado pelos terrores da eternidade sentiste o joelho do clero esmagar-te o peito, e, curvando a testa ao estrado pontificio, na hora extrema renegaste o documento da tua victoria!»

Quando o infante entrou no aposento, e com elle os ricos-homens e alguns dos cavalleiros principaes, o rei tinha sido tomado de um desmaio. D. Affonso avisinhou-se da cama e pegou-lhe no braço. D. Sancho ia tornando a si, e, abrindo os olhos, fitava a vista pasmada ora n'uns ora n'outros, sem conhecer ninguém. A final abaixou-a lentamente para o sitio aonde o filho estava ajoelhado. Affirmou-se, duvidou, tornou a affirmar-se, e meio levantado no cotovello deitou-lhe um braço ao pescoco, exclamando com alegria:

— «Filho! . . . filho da minha alma!»

O infante não teve forças de responder. Encostou a cabeça no hombro do pai, e reprimia os soluços, que se estrangulavam na garganta.

— «Já me tardavas, Affonso, dizia o rei passando-lhe os dedos pelos cabellos. Ia cuidando que não tornaria a vêr-te, filho!»

— «Estava perto de Lisboa» murmurou o principe.

O monarcha, virando-se para o monge de Cister, disse:

— «Não cheguei a vêr meu pai — morreu um dia antes de eu chegar. Emfim ouviu-me Deus, ainda tornei a abraçar meu filho! — que pezo se me tirou d'aqui, Jesus! . . . Agora, quando for chamado a contas . . . e que estreitas contas, Senhor! É por elle, e apontava para o filho. E pelos irmãos, é pelo reino, é por todos, por todos . . . Chego a duvidar da salvação, padre!»

— «Pois não vos haveis de salvar! redarguiu o abade. É peccado desconfiar da clemencia divina. O sangue da Paixão corren para lavar as culpas dos que se humilham diante da face do Juiz.»

— «Eu sei! acudiu o rei com ancia. Não se me tira isto d'aqui!»

— «É preciso tira-lo, tornou o monge. Sabeis a historia do filho que se despiu para tapar a nudez do pai, e appareceu vestido de graça aos olhos de Deus. A Igreja, esposa de Christo, é nossa mãe espiritual. Alli está — ajunctou, indicando o pergaminho — o que peza mais diante da sua misericordia, do que a vida do maior peccador diante da sua justiça.»

O pergaminho era o testamento de Sancho I.

Um sorriso fugiu quasi imperceptivel pela bocca ironica do notario, que olhou ao mesmo tempo para D. Affonso. O principe, carregando o sobr'olho, respondeu-lhe com outro, que parecia dizer — «entendo!»

Em quanto o monge prégava esta bella theoria utilitaria, D. Sancho esteve com a cabeça debruçada sobre o peito. Levantou a vista, depois, e por muito tempo mirou o infante sem fallar.

— «És o retrato de tua mãe, Affonso — suspirou emfim — todo tu és ella, a bocca, os olhos; tudo, até a voz parece d'aquella sancta que eu perdi . . . que nós perdemos, filho.»

— «Oh pai, querido pai da minha alma!»

— «Isto havia de ser por força, um dia antes ou um dia depois. É hoje . . . Affonso, tenho que te recomendar muita cousa. Estava-te escrevendo agora. Teu pai pedia-te a esmola de o enterraes na humildade d'este habito, ao pé da sepultura de teu avô.»

— «Ha de se fazer,» retorquiu o infante com melancholia.

— «Aquelle manto e aquelle sceptro vão ser teus por minutos . . . Deus sabe que os não choro, que nem d'elles levo saudades. Tambem me ceguei com essas vaidades, mas hoje! . . . não me enguam. Verás o que são. Não-se dorme n'um travesseiro de espinhos, molhado das lagrimas do povo, Affonso . . . Eu commetti peccados de homem, mas sobre tudo peza-me das culpas e dos crimes de rei. Tenho medo da voz que ha de bradar por justiça com que lhe eu faltasse; horrorisa-me só cuidar que o sangue dos que feri sem causa se levantará contra mim . . . Filho, teu pai ás portas da eternidade roga ao herdeiro da sua corôa que lhe dê a paz da consciencia. Affonso, dá-me d'esmola com que restitua aos que offendi.»

As palavras eram de supplica, mas o tom de voz era de quem manda e quer ser obedecido.

— « Quanto el-rei disser será cumprido, volveu o principe. Juliano, continuou virando-se para o notario, é esse o testamento? Lêde. »

O testamento rezava de ricos legados aos Templarios e Hospitaleiros. D. Affonso approvou, dizendo como para si: — « É justiça. Lá andam ás lançadas com os mouros na fronteira. »

Vinham doações em dinheiro e terras ao mosteiro d'Alcobaça. A parábola do veneravel abbade de Cister estava explicada. D. Sancho despia o seu herdeiro para edificar mais uma casa aos eremitas do povoado. O infante franziu as sobrancelhas e carregou o rosto, dizendo só — « adiante! » O abbade respirou vendo passar sem gloza a sua importante verba.

Seguiam-se doações a D. Maria Paes Ribeiro, e aos filhos que d'ella tivera el-rei. Liam-se finalmente copiosos legados de castellos, villas, direitos reaes e thesouros aos irmãos legitimos do infante. A paciencia foi vencida pela cholera, e o principe, com o rosto escarlata e a voz estridente, bradou:

— « Santa Virgem! Quebram-me a corôa em bocados, repartem-n'a, e dão-me o maior por mercê de nascimento? Enganaram-se! Não a hei de receber senão inteira como a deixou meu avô, e meu pai a trouxe. — E virando-se para D. Sancho, cada vez mais acceso em indignação: — Quantos reis fazeis aqui em Portugal? Em Alemquer é a rainha D. Sancha; em Montemór é a rainha D. Thereza. Villa do Conde a D. Maria Paes! Os maravedis de Thomar, de Santarem e de Coimbra espalhados ao vento. . . O rei que morre corta o braço direito ao rei que fica, deixa-o pobre. . . oh! estes monges, estes monges! Não, isso nunca em quanto eu me chamar Affonso. »

O ciúme do poder real, origem depois das contendas civis entre D. Affonso e suas irmãs, acabava de se descobrir em toda a força. D. Sancho escutou em silencio as primeiras palavras do infante; depois gradualmente se lhe animaram as feições, e a final fuzilou nos olhos mortaes a faísca d'aquella ardente cholera, que os mais valorosos tremiam d'arrostar. Sentando-se com impeto no leito, e fechando o punho com furor, exclamou em voz fraca mas distincta:

— « Affonso, D. Affonso, quem é aqui o rei ainda? »

Tinha razão. A cholera galvanisára um momento o cadaver. Era outra vez D. Sancho I antes de o tomar o terror da morte e de se arrastar nas cinzas da penitencia. Era todo aquelle soldado de Silves, que, entrando pela mina a golpes d'acha, estalava o coração das rochas. Era de novo aquelle rei, que, arrancando pela mão dos saíões os olhos aos conegos de Coimbra, com o sangue d'elles escripto, atirava um cartel arrogante á tiara papal de Innocencio III.

D. Affonso, porém, tinha nascido filho d'aquelle pai. Do character mais concentrado nos lances extremos, era tanto ou mais indomavel que o proprio Sancho I.

— « Agora o rei sois vós! clamou o principe, respondendo á pergunta ameaçadora do monarcha. E oxalá que Portugal não tenha outro muito tempo. Em quanto assim for sois o senhor, o infante nem vê nem ouve. »

— « D. infante! » bradou Sancho com ira.

— « Mas o rei D. Affonso, continuava o filho, quando puzer a corôa na cabeça ha de pô-la inteira, ou não a pôe. Hoje mandais vós; sois rei, e o primeiro a obedecer sou eu. Desgraçado do que amanhã me não fizesse outro tanto. . . a mim! »

Era uma resolução inabalavel tambem. D. Sancho conhecia de mais o infante, que nenhuma força ou temor o abalava. Por isso, e porque lá dentro lhe

dizia a consciencia que, se o irmão peccava, o rei de Portugal fazia o que elle mesmo tinha feito, D. Sancho mudou de tom:

— « Oh Affonso, que não sejas, que nunca fosses irmão de teus irmãos! Deus sabe com que dôr aqui os levo atravessados — e apertava o coração com magua. — Elle te não castigue nos teus filhos. »

— « Como rei não conheço senão vassallos. »

E caíu tudo n'um silencio constrangido. Passado breve espaço o rei ergueu a fronte, e ajunctou com tristeza:

— « É os outros, Affonso, os outros que tambem são irmãos? »

— « Os filhos de D. Maria Paes? »

— « Deixo-lhes honra e riqueza, mas comigo perdem o que se não suppre. . . Affonso, tu és secco de coração; mas pelo amor de tua mulher, pela ventura do teu Sancho, avalia nas tuas entranhas de pai a minha afflicção — dize-me, quando eu faltar has de ser o pai dos meus filhos? »

— « Pela cabeça do meu Sancho; e pela alma de minha mãe o juro, senhor. »

— « Não faltas a esse juramento, bem o sei. . . ao menos a respeito d'elles morro descansado. »

A pallidez do rosto a cada instante se fazia mais livida. Os olhos sumiam-se, e a respiração era curta, preza e rouca. Mirou muito tempo pela fresta como quem se despedia do céu, das flôres, e das aguas do Mondego. D'ahi, virando-se para Sueiro Raymundo; disse com melancholia:

— « N'um dia como este tomei Silves. Não bole folha! Que saudade faz isto? Quem me havia de dizer que aquelles cercos e combates haviam de vir a parar n'isto? »

E olhou outra vez, com maior tristeza ainda.

De repente arredou a vista, e como por um grande esforço murmurou: — « Cerrem-me aquella fresta! »

Depois, asserenando, armou-se de resolução e disse:

— « D. Affonso, filho, um abraço! — e mais baixo: — rei moço, não te cegues; toma exemplo de mim. Cuidado com a velhice, com as contas finaes. Adeus, filho. É uma viagem, Sueiro Raymundo. Supponham que fui á Terra Sancta e me demorei. Meus cavalleiros, o rei que fica pagará as dividas que deixa o rei que morre. » E tornou-lhe a mesma tristeza.

— « É escapar eu ao cerco de Santarem! Não haver uma setta que me varasse em Silves. . . Era melhor do que isto! »

É que D. Sancho, filho de um soldado, acalentado no escudo paterno pelo embate das armas, chorava pela morte do guerreiro. Um pequeno espaço esteve assim, e, cruzando os braços, exclamou suspirando:

— « Faça-se em tudo a vontade de Deus! »

E cerrou as palpebras como quem não queria vêr mais nada. Uma sezão de febre, e com ella o delirio, arrancavam lhe palavras soltas e incoherentes, como de homem que adoece mais d'afflicção moral do que das dôres physicas. A idéa da orphandade dos filhos voltava-se como um espinho a retalhar-lhe o coração.

— « Levem essas creanças; seu irmão que as não veja. . . olhem o infante! . . . Digam ao senhor papa. . . oh Affonso! . . . »

Depois, passando repentinamente a outras lembranças, fechava o punho, e estorcía-se com violencia na cama.

— « Esses monges eu os ensinarei! . . . oh, bispo do Porto, não fazes bem em roçar a mitra pelo meu elmo, podes parti-la! . . . Escutem! n'aquella cervilha ha uma malha descaída. . . Ajunctem o fio á acha d'armas; está embotada d'aquellas rochas de

Silves... sellem o cavallo murzello... vamos; é menos que uma caçada de javali!»

A um signal do physico ou medico saíram todos, menos o bispo de Coimbra. O infante nem mais palavra proferiu. Enfiou salas sobre salas, até ir assentar-se em um escanho, com o rosto entre as mãos. Fallavam-lhe não respondia, tocavam-lhe não sentia, nem a voz amiga do seu collaço Egas Lourenço o acordava daquella apathia. O sol escondeu se detraz dos outeiros, as trevas apertaram até cerrar com a noite, e elle sempre do mesmo modo. A lua abriu cedo, e uma golphada de luz branca veio tremer um pallido reflexo na armadura do principe, pendurada nas paredes. A pouco e pouco o sentido do ouvir foi-se despertando. Julgou distinguir a toada das orações da igreja na agonia; cuidou escutar o dobre funebre dos sinos de Sancta Cruz; imaginou perceber o chorar de muito povo, mas confuso tudo, esvaído, sem ter força para se mover d'alli, ou animo, ao menos, de olhar pela janella fronteira.

A final empurraram a porta do seu quarto, e, sem saber como, o infante deu por si estacado no meio da casa. Caíram-lhe as nevoas dos olhos. Abaixou a vista, e achou ajoelhado diante o mordomo da Curia, que, entregando-lhe o anel de seu pai, soluçou sufocado:

— «Aqui está, senhor rei, o sello do reino.»

D. Affonso recebeu o anel. Quando o passava no dedo entrou pelo aposento uma como fumarada de vozes em canto religioso, e o sino da cathedral bateu uma pancada lugubre. O principe estremeceu, e, levando a mão ao peito, acenou ao mordomo da Curia que se podiz retirar. Apenas elle saiu, desafogando nos braços de Gomes Lourenço, D. Affonso exclamou a chorar:

— «Ai Egas! sou rei, mas rei sem pai!»

SOBRE O TRABALHO.

JÁ ninguém hoje duvida que o trabalho é o meio unico com que a Providencia dotou os homens na sociedade para satisfazerem suas necessidades, accumularem bens, e serem felizes. Os povos que mais adiantados se acham na carreira da civilização conhecem isto perfeitamente; e rivalisam entre si sobre o emprego das suas forças physicas e intellectuaes para obterem os productos agricolas ou fabris.

Os governos mais esclarecidos teem tomado uma parte activa no desenvolvimento d'este principio fecundo: tractam de proteger e honrar o trabalho, garantindo o direito de propriedade, animando a associação das intelligencias e dos capitaes, excitando o genio a novos inventos, preservando as industrias menos adiantadas de uma ampla concorrência que as aniquilaria, e finalmente acabando com as classificações odiosas da antiga sociedade quando o trabalho era votado ao desprezo, e a indolencia ou a rapina titulos recommendaveis.

Mas do grande desenvolvimento d'este principio nasceu a divisão do trabalho. Nos antigos tempos, o cultivador de um predio rustico não sómente fazia os instrumentos agricolas, mas até fabricava os tecidos de que elle e sua familia careciam: o vestuario e calçado eram igualmente feitos em sua casa. Esta reunião de trabalhos differentes ainda hoje existe em maior ou menor escala nas pequenas localidades. Nas grandes povoações, porém, ou nos grandes focos de producção fabril, a divisão do trabalho acha-se estabelecida de maneira que um individuo já muitas vezes se não applica a uma industria, mas a um ramo ou a um trabalho especial d'ella.

A divisão do trabalho tornou-o mais productivo, foi um grande passo para o bem estar e civilização das sociedades, mas por outro lado deu origem ás pretensões de classe — muitas vezes difficeis de se conciliarem. Parece que as differentes industrias não são corpos de um exercito creador, mas corpos inimigos e destruidos uns dos outros. Todas fazem valer a sua importancia, todas querem favor e protecção: e querem bem, porque favor e protecção lhes são devidos. Mas como? Deve-se por ventura a beneficio da industria agricola sacrificar os interesses da industria fabril, ou vice-versa? eis a grande questão.

Assim como da divisão do trabalho entre os individuos resultou consideravel incremento de producção e de bem estar entre as nações, assim tambem alguns economistas entenderam que essa divisão de trabalho se deveria estender ás nações: que umas deveriam exercer exclusivamente em grande escala a industria agricola, em quanto outras a industria fabril; e por isso propuzeram a ampla liberdade do commercio. Este systema, na verdade bello e humanitario, e para o qual a primeira nação industrial da Europa acaba de dar um grande passo, não nos parece inteiramente adoptavel, e muito menos para as nações pouco adiantadas nas differentes industrias. Nem temos por conveniente que uma nação essencialmente fabricante despreze os meios de fazer prosperar a sua agricultura, tornando a sua subsistencia em grande parte dependente da abundancia das colheitas dos outros paizes, nem nos parece acertado que em um paiz essencialmente agricola se desprezem os meios de fazer prosperar a sua industria fabril obrigando quasi toda a sua população aos trabalhos agricolas, e trocando os excedentes do consumo interno com as manufacturas estrangeiras. A industria agricola demanda um determinado numero de braços, pela maior parte das classes inferiores da sociedade, e não é como a industria fabril cujo desenvolvimento e variedade de producção podem ser infinitos com o auxilio das machinas. Em que se poderão pois empregar grande numero de braços que, ou não são aptos para os trabalhos agricolas, ou não são necessarios? É evidente que segundo este systema, adoptado sem modificação alguma, consideravel numero de pessoas que pertencem á classe media teriam de emigrar, ou de morrer á miseria, que uma nação meramente agricola se tornaria em poucos annos um aggregado de aldeias e pequenas villas, que as cidades ficariam quasi desertas, e que a civilização retrocederia consideravelmente.

Já que não é possivel que todos os povos sejam regidos pelas mesmas leis, formando uma unica familia, já que as nacionalidades crearam interesses peculiares a cada paiz, é forçoso convir que os governos devem simultaneamente animar todas as industrias que prometterem bom resultado.

A industria agricola exerce uma consideravel influencia no bem estar das nações: o seu desenvolvimento traz consigo o emprego de grande numero de braços, e o barateamento dos generos mais necessarios á vida; sem esse desenvolvimento nem a população augmenta nem é possivel melhorar-se a condição das classes jornaleiras. A agricultura tem pois direito á sollicitude dos governos: é innegavel que ella entre nós prosperou n'estes ultimos tempos á sombra das leis que a libertaram de pezadissimos impostos e alcavalas, mas tambem é certo que está ainda muito longe do que póde vir a ser. O derramamento de conhecimentos agronomos sobre processos e instrumentos mais simples e perfeitos — a construcção de pontes e estradas — a animação da indus-

tria fabril e do commercio interno são a nosso vêr condições essenciaes para o desenvolvimento da agricultura.

Os processos e instrumentos agrarios quando mais simples e perfeitos economisam tempo e despezas, e podem tambem concorrer para a melhor qualidade da producção. As boas estradas, e em geral as boas vias de communicação facilitam o transporte dos generos aos grandes mercados, barateam n'estes o seu custo, e acabam com o isolamento das povoações tão fatal á sua riqueza como á sua civilisação. A industria fabril, creando productos necessarios ao cultivador, e muitas vezes até para a sua cultura, favorece por outro lado a venda dos productos agricolas nas localidades. E o commercio, tractando de colher das localidades o excedente do consumo para os grandes mercados, d'estes lhes leva o dinheiro e os generos que lá se não produzem.

Se lançarmos os olhos sobre os principaes estados da Europa, veremos que em toda a parte onde a industria e as relações commerciaes prosperam a agricultura vai em progresso, e que pelo contrario esta definha n'aquelles paizes pouco adiantados na industria fabril, e que tem difficeis meios de communicação para o commercio interno. Vemos pois a Inglaterra, a Belgica e a França serem os paizes mais bem cultivados; ao mesmo tempo que na Hespanha, na Italia e na Russia, onde a industria fabril está pouco desenvolvida, a agricultura acha-se ainda na sua infancia, não obstante, note-se bem, ser o solo da Hespanha e da Italia muito mais fertil do que o da França e Inglaterra.

A influencia da industria fabril e do commercio sobre o desenvolvimento da agricultura pôde ser demonstrada até á evidencia. Figuremos uma aldeia com terras fertilissimas no centro de um paiz agricola, e sem relações commerciaes, ou por estar muito distante dos grandes mercados, ou por se achar quasi incommunicavel com elles por falta de estradas. Esta aldeia não produzirá nem tractará de produzir senão para o sustento dos seus moradores.

Mas estabeleçamos n'ella uma fabrica, levemos-lhe quatrocentos operarios, veremos como cada cultivador tracta de melhorar as suas culturas e de obter mais do que até então alcançava, estimulado pela esperanza de poder vender com lucro os seus productos. Além de que a accumulção dos lucros permittirá ao cultivador fazer os avanços necessarios e tirar de suas terras todo o partido possivel. E se em logar da fabrica se abrir uma boa estrada para uma cidade ou villa maritima, ou mesmo para algum grande mercado no interior do paiz, vereis como o commercio irá procurar á aldeia, até então isolada e desconhecida, os productos que lhe sobrarem do seu consumo local, levando-lhe outros de que alli carecerem: e esta nova procura terá o mesmo resultado que o estabelecimento da fabrica. Assim, se quereis enriquecer um paiz agricola, dai-lhe consumidores, dai-lhe fabricas, e abri n'elle boas estradas para a livre e facil circulação dos productos.

Por outro lado, a industria fabril depende tambem muito do desenvolvimento da agricultura e do commercio. Aonde a agricultura prosperar, os generos da primeira necessidade serão baratos; as materias primas custarão menos, os salarios serão menores, e os operarios, sendo mais robustos, trabalharão mais. Mas sem a intervenção do commercio, a industria fabril não poderá nunca subir de ponto, mesmo dada a favoravel circumstancia do desenvolvimento da agricultura: os seus productos, quando vendidos só na localidade, serão incomparavelmente menos importantes do que quando possam ser levados com

vantagem dos differentes mercados nacionaes e estrangeiros.

Finalmente o commercio para poder prosperar é indispensavel que tambem prosperem a agricultura e as fabricas, por quanto sem productos agricolas e fabris não são possiveis as trocas, e sem boas vias de communicação tornam-se ellas mui difficeis entre as differentes localidades pela excessiva despeza dos transportes.

Em summa, a industria agricola, a industria fabril e a industria commercial ligam-se intimamente como partes do mesmo corpo. Se uma vai bem, as outras prosperam, se uma vai mal, as outras soffrem tambem. Estas tres industrias são igualmente necessarias, igualmente indispensaveis para o bem estar do paiz; e assim não devem ser consideradas e tractadas como inimigas umas das outras, mas protegidas com igualdade, porque todas concorrem para o grande fim da felicidade das nações.

MACHINA INFERNAL DIRIGIDA CONTRA SAINT-MALÓ.

EM 1683, querendo a Inglaterra vingar-se das enormes perdas que os corsarios de Saint-Maló causavam ao seu commercio, projectou destruir completamente esta cidade. No mez de novembro chegou uma esquadra á vista da costa, e para desviar as suspeitas fingiu ao principio querer só fazer um bombardeamento. Deixemos fallar um correspondente d'um jornal d'aquelle tempo (o *Mercurc gelant*).

« Como os inimigos viram que as bombas não faziam nenhum effeito, resolveram fazer rebentar no dia 29 contra a cidade a mais horrivel machina de que pôde haver noticia. Era um navjo novo e fabricado de proposito, que pelos destroços parece ser do porte de quarenta toneladas. Este navio estava cheio de toda a qualidade de fogos d'artificio, de grandes massas de alcatrão, pez, resina, palha picada, e toda a casta de materias combustiveis, de mais de quinhentas bombas e carcassas; e tinha quatro buracos redondos, proprios para vomitar para todos os lados fogo e bombas, de que ficaram para cima de tresentas sobre a areia da praia, bem atacadas de polvora, sem terem causado muito damno. Este grande navio foi trazido a reboque, pela meia-noite, estando a maré cheia, por tres lanchas inimigas até juncto dos muros da cidade e da porta de S. Thomaz, defronte do castello. Algumas sentinellas de fóra da cidade bradaram para o forte e para a cidade, mas antes que lá chegasse o aviso bateu a machina felizmente n'um rochedo a tiro de pistola das nossas muralhas. Abriu com a pancada e pegou-lhe fogo mais cedo do que os inimigos desejavam. Estavam umas cem pessoas em casa de Mr. de Chaulnes. A primeira cousa que se ouviu foi uma bomba que os inimigos dispararam para signal ou para o quer que fosse. Todos estavam attentos a vêr onde a bomba caíria, quando de repente, como se voassem dois ou tres armazens de polvora, sentiu-se um tremor seguido do estrondo o mais medonho que ser podia. Pensámos que a casa se despedaçava. Um fogo pavoroso entrou por todas as janelas das salas com estilhaços despedidos com tal furia que quebraram vidros e arrombaram madeiramentos com um estrepito de que não se pôde fazer idéa. Devera de conter para cima de seiscentas e oitenta arrobas de polvora esta machina, que estava abarrotada de mais de setecentas bombas ou carcassas, e de mais de cem barricas de composições de toda a sorte de artificios. Só a parte dianteira do navio, que se voltou para a banda do mar, chegou a rebentar. »

Se não fosse o feliz acaso que fez naufragar o navio, ficava a cidade quasi toda destruida. Mas só a duas ou tres casas foram pelos ares os telhados; nem um só homem morreu da banda dos francezes, em quanto que a perda dos inglezes foi orçada em 150 homens, que compunham a guarnição das lanchas que tinham rebocado o navio. Entre os mortos foi encontrado o engenheiro inventor da terrível machina; era um refugiado, por nome Fournier, natural da Rochella. O duque de Chaulnes, que governava a praça, depois de se ter certificado do pouco estrago causado pela explosão, mandou passear por toda a cidade tres prisioneiros inglezes para que vissem que nenhuma casa caíra por terra, e por fim mandou-os para Jersey, afim de contarem aos seus compatricios o que tinham visto.

Os inglezes empregaram, sem melhor resultado, uma machina quasi similhante contra Dunkerque.



O TURKESTAN CHINA.

A BUKHARIA Menor, ou Turkestan china, é das regiões da Asia central até ao presente menos explorada pelos viajantes europeus; a sua historia é quasi desconhecida. Sabe-se que reduzida em 1758 a implorar o protectorado da China, desde então se tornou tributaria e a final subdita do imperio celeste. Em 1827 foi agitada por uma rebelião violenta, que, contudo, parece não tivera consequencias importantes. Confina pelo poente com o Turkestan independente, pelo sul com o Thibet e o Kabul; tem ao norte a Dzungaria e a leste a China. Divide-se em dez provincias governadas por principes hereditarios, vassallos da China; tem de população quasi dous milhões e meio d'almas, pela maior parte de origem turca e que professam o islamismo Mr. Estanislau

Julien traduziu do chim algumas noções ácerca d'este povo, que por tal modo ficou sendo mais conhecido. A nossa gravura indica um habitante da Bukharia Menor no seu traje habitual. — As raparigas solteiras d'este paiz trazem os cabellos pendentes pelas costas abaixo, repartidos em dez tranças; porém, um mez depois de casadas os desatam, penteam-n'os e deixam-n'os fluctuantes, amarrados n'um molho por duas largas fitas de seda, com borlas nas extremidades, que caem até os calcanhares; as solteiras entresacham as tranças com perolas, pedras finas e coraes: as pobres e as que andam de luto as embrulham com uma facha de estofa azul ou verde. — Os homens não entrançam o cabello em fórmula de rabiço, ao modo chim, nem rapam as barbas e suissas; cortam só os bigodes para comer e beber mais commodamente: as suas tunicas têm golas compridas e mangas estreitas, e prendem do lado esquerdo a roda d'este vestido; de inverno usam barretes de pelles; passada a estação fria cobrem-se com um turbante pontagudo de feltro vermelho com bandas altas de seda por diante e atraz: calçam sapatos ou de sola ou de marroquim encarnado com saltos de páu. Os turbantes dos padres são de tela branca, estofados de algodão; quando os leigos encontram algum d'estes sacerdotes não costumam prostrar-se na presença d'elles; diante de todas as auctoridades e dos anciãos cruzam as mãos sobre o peito e curvam a cabeça; quando se encontram pessoas iguaes saudam-se reciprocamente com um osculo na bocca. Depois que o Turkestan está sujeito á China, os habitantes para cumprimentar quae-quer magistrados chins ajoelham, e perguntam-lhes pela saude: dizem que os veneram como o sol e os deuses.

METHODO PARA DISSOLVER A GOMMA-LACA — SUA APPLICAÇÃO AOS TECIDOS IMPERMEAVES.

Mr. Lemére de Normandy obteve um privilegio, em 2 d'abril de 1845, para usar d'este methodo, que consiste em derreter a gomma-laca ou antes a laca em escamas n'uma solução de cinzas de soda ordinaria. A cada tres e meia arrobas de laca juntam-se 317 canadas d'agua, em que estejam dissolvidos 41 arrateis de cinza de soda. Depois de ferver cõa-se por um panno grosso, e junta-se á laca dissolvida n'aquelle liquido certa porção de acido sulphurico. A laca que se separa da dissolução, na fórmula de massa ou papas, derrete-se para depois se estender sobre o tecido que se quizer tornar impermeavel. Tambem se póde empregar como grude para ligar peças de madeira e outras materiaes.

O auctor indica como um bom dissolvente da laca uma substancia conhecida pelo nome de *oleo de batatas* (*hydrato de protoxido de ormyla*), produzida durante a distillação do alcool das batatas.

(*Repert. of patent invent.*)

Rosto a rosto offerecemos a verdade a quem for nosso igual; a um senhor, só de perfil.

(*Elog. de La Fontaine. Trad. de F. Elysio.*)

De hoje em diante tambem se vende e assigna para este jornal na loja do Sr. João Paulo Martins Lavado, antigo caixeiro da Sr.^a Viuva Henriques, estabelecido na rua Augusta, n.º 8. — A correspondencia e quaesquer reclamações podem dirigir-se á referida loja.